

SONHOS

FORMAÇÃO – ANÁLISE – INTERPRETAÇÃO

“Sonho é um produto da atividade do inconsciente e que tem sempre um sentido intencional a saber: a realização ou a tentativa de realização de uma tendência reprimida. ”

Sigmund Freud

Até antes das descobertas de Freud, a busca de entendimentos dos sonhos, que desde sempre acompanham os seres humanos, estava entregue aos demiurgos e charlatões em geral que procuravam extrair anúncios proféticos, premonitórios, mensagens de espíritos ou interpretações fantásticas. Da mesma forma, na época em que a ciência começava a dar os seus passos mais firmes, coube aos filósofos e a alguns médicos neuropsiquiatras tentarem desvendar os mistérios e enigmas contidos no ato de dormir e de sonhar, mas não conseguiram passar do plano das especulações, além de também, insistirem na tecla de emprestarem a cada fragmento simbólico, de qualquer sonho, um determinado significado específico, o qual valeria para todas pessoas.

A partir de Freud, mais exatamente em 1900, com a elaboração e publicação do seu mais famoso livro – “A interpretação dos sonhos”, os sonhos não só ganharam uma nova dimensão científica, como também o aprofundamento de seu estudo abriu as portas para a consolidação da teoria da psicanálise. Esse trabalho, no qual Freud traz uma abundância de sonhos pessoais, representa um marco essencial na história da psicanálise pelas seguintes razões:

1) Representa a primeira análise (autoanálise) levada a efeito, sendo que a maior motivação para esse ato corajoso de Freud foi a sua necessidade de elaborar os seus sentimentos despertados pela morte de seu pai (como ele próprio

afirma no prólogo da segunda edição, em 1908).

2) Possibilitou a Freud construir um modelo do aparelho psíquico.

3) Freud formula o modelo de um aparelho óptico, no qual um feixe luminoso pode sofrer transformações, capaz de, tal como o sonho, manifestar-se de formas e com finalidades diferentes da original.

4) Tal modelo permitiu que ele estabelecesse uma teoria puramente psicológica, assim abandonando aquele baseado na neurofisiologia que até então ele mantinha, e representou o primeiro esboço para conceber uma primeira teoria do aparelho mental – a teoria tópica –, onde os “topos” (lugares) eram ocupados pelas instâncias do inconsciente, pré-consciente e consciente.

5) O fenômeno do sonho sendo concebido como paradigma de um funcionamento normal da mente e, ao mesmo tempo, como expressão psicopatológica, facilitou a concepção de que no aparelho psíquico não existia uma plena delimitação entre o normal e o patológico.

6) Igualmente, o estudo dos sonhos permitiu que Freud estabelecesse uma integração entre experiências recentes (restos diurnos) e as antigas (que constituem o conteúdo latente do sonho).

7) Da mesma forma, propiciou a Freud as primeiras descrições acerca do Édipo e da sexualidade infantil.

8) Assim, pelo estudo dos sonhos e dos sintomas manifestados pelas suas pacientes histéricas, Freud estabeleceu uma equivalência entre a estrutura dos sonhos e a das neuroses, o que lhe possibilitou conceber e formular a sua clássica postulação de que o sonho é a via régia para chegar ao inconsciente.

9) O sonho implica, portanto, uma “interpretação”, e foi por decorrência da descoberta do papel do sonho que, além dos avanços teóricos, Freud colocou a atividade interpretativa como eixo de gravitação da técnica da psicanálise.

Realmente, desde que essas concepções foram formuladas, os sonhos somente adquirem sentido, psicanaliticamente falando, se estiverem conectados com

o que se passa no inconsciente do sonhador.

Pela importância que o entendimento dos sonhos representa para a história e para a atualidade da psicanálise, cabe recordar os pioneiros princípios fundamentais estabelecidos por Freud há pouco mais de um século, tanto do ponto de vista dos processos de sua formação, quanto também das suas funções.

Formação do Sonho

Para Freud, são três os fatores indispensáveis para que se processe um sonho:

1) Estímulos sensoriais (internos ou externos, como ruídos, odores, luz, vontade de urinar etc.), os quais são considerados como não tendo uma significativa influência na gênese dos sonhos.

2) Restos diurnos (provindos de significativos estímulos ambientais, como pode ser algum acontecimento marcante, um filme impactante ou, principalmente, a mente do sujeito impregnada de interesses e preocupações.

3) A existência de sentimentos, pensamentos e desejos que estão reprimidos no inconsciente.

Dando continuidade a esses fatores, Freud concebeu a participação de múltiplos fenômenos psíquicos que concorrem para a formação dos sonhos, como são os seguintes:

1. Conteúdo manifesto do sonho. Designa o que aparece no consciente daquele que sonhou, quase sempre sob a forma de imagens visuais, que ele pode ou não recordar depois de despertar.

2. Elaboração onírica secundária (também conhecida como “atividade do sonho”). Consiste em uma atividade do ego, durante o sono, que se encarrega de disfarçar e dissimular aquilo que está reprimido no inconsciente e que está “proibido” de aparecer no consciente em estado “bruto”.

3. Conteúdo latente do sonho. Corresponde ao conjunto de ocultos

desejos, pensamentos, sentimentos, representações, angústias que estão represados no inconsciente e que somente terão acesso ao pré-consciente e ao consciente após o disfarçamento realizado pela, acima aludida, elaboração secundária.

4. Censor onírico. Freud comparou essa parte onírica do ego inconsciente ao de um “censor de notícias com amplos poderes para suprimir qualquer trecho que ele julgar inconveniente”.

5. Mecanismos defensivos do ego. Condensação (o trabalho do sonho tem sempre por finalidade formar uma imagem única que represente simultaneamente todos os componentes do conteúdo latente, o que pode ser feito por omissões, fusão, neologismos etc.); deslocamento (refere que há um deslocamento de significados ao longo de uma cadeia associativa, pelo “deslizamento” de um significante para outros, à maneira do que se passa em um jogo de bilhar) e simbolização. Neste último caso, durante muito tempo Freud acreditou que haveria uma linguagem simbólica universal, de tal sorte que um mesmo símbolo teria o mesmo significado para todos (por exemplo, o aparecimento de uma “serpente” em qualquer sonho seria sempre um símbolo fálico), porém aos poucos ele foi considerando que o simbolismo onírico corresponde aos significados específicos de cada indivíduo e, também, das suas respectivas repressões (assim, aquela hipotética “serpente” do sonho pode, para alguns, de fato, representar um pênis, enquanto para outros pode significar uma pessoa má, pérfida, traiçoeira, qual uma cobra venenosa, e assim por diante).

6. Linguagem do processo primário. Na elaboração onírica, dá-se a passagem do conteúdo latente para um conteúdo manifesto, o qual, por ser formado pelos recursos mágicos da condensação, deslocamento e símbolos deformadores, expressa-se por uma linguagem típica do processo primário do pensamento e com uma confusão entre os elos de conexão dos elementos do sonho, embora manifestamente ele possa aparentar uma fachada com muita coerência e lógica. Nesses casos, diz Freud, os disfarces e as distorções podem ser de tal monta que os aspectos que representam o conteúdo latente da satisfação de desejos ficam completamente irreconhecíveis.

7. Formação de compromisso. Da mesma forma como ocorre na formação de um sintoma neurótico, Freud (1933) concebeu que também o sonho resulta de uma “formação de compromisso” entre as pulsões do id e as defesas do ego que permitem somente uma gratificação parcial e tolerável daquelas pulsões.

Função do Sonho, Segundo Freud

Até o final de sua obra Freud, sustentou o seu aforismo de que a função única do sonho consiste (por meio de uma “negociação” com o ego) em uma forma disfarçada de uma gratificação de desejos (reprimidos). Em boa parte, ele inspirou-se nos sonhos simples das crianças da primeira infância que, de uma forma mais clara e menos distorcida, expressariam nos seus sonhos aqueles desejos que não haviam sido satisfeitos na véspera, como, por exemplo, que ela está numa confeitaria comendo doces etc.

Partindo dessa concepção, Freud estabeleceu uma conexão entre essa mencionada função do sonho com uma análoga função que exerce algum sintoma neurótico – como a conversão ou dissociação histérica – ou algum fenômeno psicótico, tal como aparece nas relações que ele estabelece entre o sonho e o delírio no seu belo artigo “Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen” (1907).

Paralelamente, uma outra função primordial exercida pelo sonho é aquela que foi sintetizada por Freud com a sua clássica formulação de que o sonho é o guardião do sono. Com outras palavras, mesmo diante de uma considerável diminuição das defesas do ego (em boa parte porque o caminho para a motilidade voluntária então está impossibilitado) e ainda com uma diminuição da vigilância consciente, o sujeito pode dormir sem maiores riscos de ser invadido pelos desejos proibidos que irrompem desde o inconsciente, devido ao fato de que o sonho permite uma certa gratificação dos mesmos. Quando o sonho não consegue cumprir o seu papel de guardião protetor do sono, pode acontecer o mesmo fenômeno conhecido como terror noturno, que frequentemente as crianças manifestam (no adulto, corresponde, na linguagem psicanalítica, aos sonhos de angústia, popularmente chamados de “pesadelos”).

Uma questão começou a preocupar Freud e seus seguidores: onde estaria a realização de desejos nos sonhos penosos? O próprio Freud, partindo da decifração que ele fez dos “hieróglifos” contidos no conteúdo manifesto do seu famoso sonho da “Injeção de Irma”, chegou à corajosa interpretação de que o sofrimento expresso nas imagens desse sonho traduzia desejos inaceitáveis dele, como, por exemplo, o de uma vingança. Dessa forma, Freud aprofundou a sua convicção de que o desejo inaceitável está sempre presente no sonho, embora irreconhecível devido a uma série de transformações que ele sofre, como comumente é a possibilidade dele se manifestar pelo oposto.

Um exemplo disso: uma paciente que nutria um desejo sexual por um homem “proibido” trouxe à análise um sonho no qual ela está dançando com ele (nesse caso a decifração é fácil), enquanto no sonho de uma outra analisanda com um desejo análogo, a mesma aparecia mantendo uma encarniçada e odienta luta com um homem mal encarado que ameaçava assaltá-la (transformação ao oposto); da mesma forma, as manifestações simbólicas do conteúdo manifesto desse desejo poderiam ser bastante mais complexas e difíceis de reconhecimento.

“A interpretação dos sonhos é, de fato, a estrada real para o conhecimento do inconsciente, a base mais segura da Psicanálise. É o campo onde cada trabalhador pode por si mesmo chegar a adquirir convicção própria, bem como atingir maiores aperfeiçoamentos. Quando me perguntam como pode uma pessoa fazer-se Psicanalista, respondo que é pelo estudo dos próprios sonhos.”

“O simbolismo é talvez o capítulo mais notável da teoria dos sonhos. Em primeiro lugar, uma vez que os símbolos são traduções estáveis, concretizam, até certo grau, o ideal do antigo, tanto quanto a interpretação popular dos sonhos, com qual nossa técnica, nos afastamos amplamente. Eles nos permitem, em certas circunstâncias, interpretar um sonho, sem interrogar a pessoa que sonhou, a qual na verdade, não teria nada a nos contar a respeito dos símbolos. Se estamos familiarizados com os símbolos oníricos comuns, e, além disso, com a personalidade da pessoa que sonhou as circunstâncias em que vive e as impressões que precederam a ocorrência do sonho, podemos

muitas vezes interpretar um sonho diretamente. A interpretação baseada no conhecimento de símbolos não é uma técnica que possa substituir ou competir a associação, mas constitui um complemento para esta última. ”

“Os neuróticos adoecem por causa dos mesmos complexos contra os quais nós, os sãos, também lutamos.”

“Podemos definir o tratamento psicanalítico como uma educação progressiva para superar em cada um de nós, os resíduos da infância.”

“A grande maioria das neuroses das mulheres tem sua origem no leito nupcial.”

“Nenhum analista vai mais longe do que seus próprios complexos e resistências internas lhe permitem.”

“Somos feitos de carne, mas temos de viver como se fossemos de ferro.”

“Um sonho é a realização disfarçada de um desejo suprimido ou reprimido.”

Sigmund Freud

OBSERVAÇÕES

ONIROMANCIA: é a ciência que estuda os sonhos.

SIGNOS / SINAIS: são imagens utilizadas para comunicação (letras, desenhos, amuletos etc.), porém, para sentimentos e sensações, as palavras são muito pobres para expressá-las.

SIGNIFICADO: é o que o símbolo representa.

1º TÓPICA: Consciente, pré-consciente e inconsciente.

2º TÓPICA: ID, EGO, SUPEREGO; COMPLEXO DE ÉDIPO.

“Toda Neurose é ativa, e é verificada por um comportamento.”

“O Recalque é passivo, é o que se esconde.”

Quando está acordado está em estado de VIGÍLIA; quando está acordado, pensa, quando está dormindo, sonha! O sonho relatado, nunca é exatamente igual ao sonhado, pois ao contar, o superego está “acordado”.

IDiotice – é o único caso em que o ID reprime o Superego.

PESADELO – o ID deu o start no sonho, mas quem prevaleceu foi o Superego, ou há um desejo latente de superar a situação vivida, (desejo de superação).

Sonhos recorrentes – é um exemplo de sonho de resistência.

O sonho sempre precisa dar um modelo figurativo às informações.

ALGUMAS FUNÇÕES DO SONHO

O sonho é um guardião do sono, um vigia que tudo faz para que o repouso continue.

Um exemplo desta função é aquele sonho em que procuramos satisfazer uma necessidade fisiológica como a sede: sonhamos que estamos buscando água, pegamos o copo, levamo-lo à boca e ele... escorrega das nossas mãos! Pegamos novamente um outro copo, enchemos de água e... ele cai novamente, até que acordamos com muita sede e vamos tomar água.

O sonho tenta evitar ao máximo que seu sonhador acorde, criando a imagem do ato que interromperia aquela perturbação que ameaça perturbar o repouso (sede). E tenta até o limite em que isso não é mais possível, ou seja, quando a sede é tanta, que o sonhador acorda.

Outra função do sonho – que estaria entre as mais importantes – é a realização de desejos. "Sonho que um dia possa ter a minha casa", "vivo sonhando com uma viagem para o exterior", "sonho em escrever um livro" costumam dizer as pessoas. A sabedoria popular já havia indicado esse fato (Vox Populi, Vox Dei):

O sonho é uma realização de desejos, como indica o título do capítulo III do livro dos sonhos do Dr. Freud (Ibidem, p. 422).

E o que fazemos com estes desejos que não podemos realizar imediatamente, ou num curto espaço de tempo?

Ex.: Ficar pensando todo dia na casa que ainda não temos, e que não teremos tão cedo, provoca tristeza, angústia, desânimo e todas aquelas consequências que a energia acumulada de um desejo provoca, ao chegar na consciência do indivíduo que não pode satisfazê-lo, realizá-lo, descarregá-lo. O que fazemos, então? Algo parecido com o que fazemos com objetos que não queremos: jogamos fora, para longe de nós.

Mas as coisas do mundo emocional, mental, não são como os objetos, que podemos destruir ou fazer desaparecer. Resta, então, a tentativa de afastá-los de nós o máximo possível, enviando-os para o grande depósito do mundo mental chamado 'esquecimento', ou, como a psicanálise o denomina, "o inconsciente".

O passo seguinte é evitar que o desejo adormecido e não realizado desperte e venha causar sofrimento, desprazer. Isto é conseguir afastar todos os pensamentos que possam causar tal conjunto de ideias à consciência, ou banindo dela este desejo, toda vez que ele surge. Mas nem sempre isso é possível.

Freud considerava que sua Teoria dos Sonhos, e mesmo o seu livro "Interpretação de Sonhos", continha a mais valiosa de todas as descobertas que tivera a sorte de fazer.

Freud tinha perfeitamente razão em valorizar tanto o seu trabalho sobre os sonhos. Em nenhum outro fenômeno da vida psíquica normal os processos inconscientes da mente são revelados de forma tão clara e acessível ao estudo. Os sonhos são, verdadeiramente, uma estrada real que leva aos recessos inconscientes da mente. No entanto, isto não esgota as razões que os tornam importantes e valiosos para a psicanalista. O fato é que o estudo dos sonhos não proporciona simplesmente a compreensão dos processos e conteúdos mentais inconscientes em geral. Revela, principalmente, os conteúdos mentais que foram reprimidos ou, de qualquer forma

excluídos da consciência e de sua descarga pelas atividades defensivas do Ego, uma vez que a parte do Id cujo acesso à consciência foi barrado, é precisamente a que está envolvida nos processos patogênicos que originam as neuroses e, talvez, também as psicoses. É fácil compreender que esta característica dos sonhos constitua mais uma razão, muito importante, para o lugar especial que o estudo dos sonhos ocupa na Psicanálise.

A teoria psicanalítica dos sonhos pode ser formulada da seguinte maneira:

1. A experiência subjetiva que aparece na consciência durante o sono e que, após o despertar, chamamos de sonho, é apenas o resultado final de uma atividade mental inconsciente durante esse processo fisiológico que, por sua natureza ou intensidade, ameaça interferir com o próprio sonho. Ao invés de acordar, a pessoa sonha;
2. Chamamos de sonho manifesto, a experiência consciente, durante o sono, que a pessoa pode ou não recordar depois de despertar. Seus vários elementos são designados como conteúdo manifesto do sonho;
3. Os pensamentos e desejos inconscientes que ameaçam acordar a pessoa são denominados como conteúdo latente do sonho;
4. As operações mentais inconscientes por meio das quais o conteúdo latente do sonho se transforma em sonho manifesto, damos o nome de elaboração do sonho, também chamada dramatização.

O sonho é produzido com pensamentos, dados e experiências que são recalçados para o inconsciente, o que fazemos automaticamente, mas que agredem o psiquismo.

O sonho, portanto, é algo que por força do superego, não deve acontecer no pensamento chamado consciente: a censura não o permitiria.

O sonho é, portanto, a “estrada real do psiquismo”. Freud entende que o Psicanalista, partindo da informação que lhe presta o paciente (conteúdo onírico manifesto), chegará a obter o conteúdo latente ou “ideias do sonho”.

Este trabalho torna-se desnecessário nos chamados “sonhos infantis”, em que coincidem ambos os conteúdos, e o sonho é, evidentemente, uma satisfação de desejos (tal é o caso do rapaz que indo dormir sem jantar, sonha que come saborosos manjares, ou o menino que, na noite de Natal, sonha que está ganhando brinquedos etc.).

Não devemos confundir sonhos infantis com sonhos de crianças.

A maioria dos sonhos das crianças é infantil, alguns não.

Certa quantidade de sonhos de adultos também é infantil. É uma questão de natureza do sonho e não de faixa etária.

Sonho infantil é aquele que, revela na certa o desejo, sem necessidade de interpretar.

Os sonhos de adulto normalmente são:

- a) Coerentes, porém curiosos, surpreendentes e chocantes (o paciente sonha que um touro investiu contra o irmão, por exemplo);
- b) Incoerentes, em que, além do aspecto estranho da realidade de suas imagens, existe falta de ilação (dedução) entre estas.

Nesses casos, dir-se-ia que o paciente se submerge em um mundo alucinante de sucessos fantásticos, alguns dos quais permanecem presos às suas recordações e outros se desvanecem com rapidez tal, que apenas é possível fixá-los logo após despertar.

Estes sonhos, a que se liga com frequência a um elemento de angústia, eram considerados, antes de Freud, como produto de uma disfunção cerebral de origem tóxica ou circulatória (os chamados pesadelos). Tanto Freud quanto os demais estudiosos do assunto os consideram “reveladores das forças que atuam nas camadas mais profundas do ser individual”.

As deformações produzidas diretamente pela censura onírica juntam-se as que a posteriori se originam da consciência, em virtude do denominado “processo de elaboração secundária”, não sendo raro que cheguem, aqueles

sonhos, a ser prontamente esquecidos por completo.

FONTES DO SONHO

Todo e qualquer sonho deve o seu conteúdo ao passado e ao presente. Do passado chegam às experiências de satisfação. Nenhum sonho pode existir sem o ímpeto de um desejo que represente a reivindicação de um impulso instintivo que, embora infantil em sua origem, retém o apetite de gratificação durante a vida inteira. Quando os impulsos infantis abrem caminho para emergir no sonho, meses, anos ou talvez décadas depois de sua origem, são acompanhados por um sistema de inibições e proibições, inatas ou adquiridas, e igualmente primitivas em seu caráter. Referimo-nos àquela porção do sonho que deve a sua derivação aos impulsos, sentimentos e ideias do princípio da vida como “o sonho que vem de baixo”.

Sonhos que são de fontes infantis, a partir do nascimento (do presente para o passado).

As experiências, afetos, esperanças, fantasias, conflitos e desapontamentos correntes, sejam conscientes e inconscientes, também fazem sua contribuição para o sonho. À parte do sonho gerada por estímulos correntes e atuais chamamos nós “o sonho que vem de cima”.

Estímulos atuais, coisas recentes, sono do subconsciente, cujos efeitos ainda afetam a vida da pessoa.

Embora seja verdade que os sonhos devem uma parte do seu conteúdo ao evento mental corrente, o resíduo do dia não é suficiente para produzi-los. Um sonho só se forma quando o evento corrente estabelece contato com um impulso do passado – especificamente, com um desejo infantil.

Por vezes, uma experiência contemporânea é tão evocativa de uma anterior que atrai à superfície e a gratificação de um impulso infantil que, de outro módulo, poderia permanecer dormente. Inversamente, um acontecimento remoto, em virtude de sua importância persistente, pode investir uma experiência recente de um significado que legitimamente não comportava.

Na medida em que conceituamos a qualidade dos eventos mentais, de

acordo com sua relação com a consciência, o conteúdo do sonho pertence a estados qualitativamente diferentes da consciência, assim como a diferentes períodos de vida.

Todo sonho depende de estímulos, que são excitações das quais necessitamos para tornar possível o sonho.

São tipos de excitações:

- a. Excitação Sensorial Externa (objetiva);
 - b. Excitação Sensorial Interna (subjetiva);
 - c. Estímulo Somático Interno (orgânico);
 - d. Fontes de Estímulos puramente Psíquicos.
1. Excitação Sensorial Externa, é quando o sonho provocado, por, ou nele são incluídos, estímulos provenientes do meio como um raio de luz, ruído de despertador, galo cantando, determinado cheiro etc.;
 2. No caso anterior, o sonho serve-se de estímulo, modificando-o e aproveitando-se dele para desdobrar o sentido oculto e dizer alguma coisa a mais;
 3. Na Excitação Sensorial Interna, temos os fatores até estruturais e os motivos latentes propriamente ditos;
 4. Estímulos Somáticos Internos são todas as causas orgânicas, tais como: dores, incômodos etc., também incorporados ao sonho;
 5. As Fontes de Estímulos puramente Psíquicos são os instrumentos complexos da elaboração do sonho.

Quando nos referimos aos sonhos num sentido teórico, temos em mente as seguintes entidades:

- Sonho Manifesto;
- Conteúdo Latente;

- Funcionamento do Sonho;

O sonho manifesto: É aquilo que o paciente recorda e relata como o seu sonho, é uma mensagem cripta que exige decifração; Em Psicanálise, qualquer ideia, impulso ou sentimento que exprime na consciência um motivo reprimido ou latente. A expressão foi criada por Freud, em “A Interpretação dos Sonhos”, em que o relato ou descrição verbal de um sonho é o conteúdo manifesto. Aquilo de que se lembra.

Conteúdo Latente: São ideias e sentimento, alguns dos quais pertencem ao presente, alguns ao passado, alguns dos quais são pré-conscientes, outros inconscientes. Embora estejamos interessados no sonho manifesto, ainda mais nos interessam os pensamentos latentes que dão origem ao mesmo.

Obviamente, o conteúdo latente é a parte mais importante do sonho. Toda a significação, desejos, problemas, neuroses e até predisposições psicóticas estão nesta parte. Assim, o conteúdo latente do sonho é dividido em três categorias principais:

1. A primeira compreende as impressões sensoriais noturnas, as quais invadem continuamente os órgãos sensoriais daqueles que dormem; às vezes algumas participam da iniciação de um sonho e, nesse caso, formam parte do conteúdo latente desse sonho. Todos nós já experimentamos essas sensações: o som de um despertador, sede, fome, urgência em urinar ou defecar, dor de um ferimento ou de um processo mórbido devida à má posição de alguma parte do corpo, calor ou frio desconfortáveis, tudo pode ser introduzido no sonho, tornando-se parte do conteúdo latente;

2. A segunda categoria do conteúdo latente do sonho compreende pensamentos e ideias relacionados às atividades e preocupações da vida normal, em estados de vigília, daquele que sonha, e que permanecem inconscientemente ativos em sua mente durante o sono. Por causa de sua atividade contínua, tendem a acordar a pessoa, do mesmo modo que o fazem os estímulos sensoriais. Se a pessoa sonha ao invés de acordar, esses pensamentos e ideias atuam como parte do conteúdo latente do sonho;

3. A terceira categoria compreende um ou vários impulsos do Id que, ao menos em sua forma infantil original, são banidos pelas defesas do Ego e da consciência ou da gratificação direta durante o estado de vigília. Esta é a parte do Id que Freud chamou de “reprimida”, em sua monografia sobre a hipótese estrutural do aparelho psíquico, em 1923, embora mais tarde adotasse o ponto de vista, agora geralmente aceito pelos psicanalistas, de que a repressão não é a única defesa que o Ego emprega contra os impulsos do Id inadmissíveis à consciência.

Funcionamento do sonho: É o método pelo qual estes pensamentos latentes são transformados nas imagens recordadas como sonho. O processo responsável por essa alteração, era considerado por Freud parte essencial da atividade onírica. O aspecto mais atraente do sonho manifesto reside em sua evidente indiferença pela racionalidade, a lógica e a coerência. O gênero deixa de ser absoluto, a agressão e a violência físicas se tornam indistintas da paixão erótica, o prazer se funde com a dor, a atração com a repugnância, o horror com o fascínio e a condenação com a aprovação. Embora o sonho pareça inteiramente louco, possui um método intrínseco.

Quando regredimos, durante o sono, não o fazemos apenas numa aceção temporal, mas também funcional. A regressão é, parcialmente, para um modo arcaico, primitivo de funcionamento mental que é típico da mais antiga atividade mental, isto é, para um processo primário de funcionamento. Os processos primários, caracterizados por uma descarga difusa, aleatória e incontrolada da excitação, pressiona no sentido de uma descarga imediata e não tolera o menor atraso. Saltando de uma ideia ou imagem para outra com o mais completo desprezo por considerações racionais, assemelha-se muito mais a um fluxo de energia do que a pensamento. O funcionamento do sonho se desenrola de acordo com os princípios que governam o processo primário e isso explica, em sua maior parte, a qualidade bizarra do sonho manifesto. A mobilidade da energia psíquica no processo primário e a sua inexorável demanda de descarga imediata explicam os mecanismos de condensação e deslocamento empregados pelo funcionamento do sonho, além da dramatização. Além da condensação, deslocamento e simbolização (dramatização), os meios visuais de representação exigidos do sonho, resultam em distorção do seu

conteúdo latente pelo uso de metáforas pictóricas para expressar certas ideias.

Os afetos não são simplesmente transformados. Continuam sendo afetos, como já vimos, quer sejam substituídos ou não por afetos opostos no sonho manifesto, deslocados ou completamente omitidos. Uma paciente, antiga mestra na arte de incitar tumultos mediante a transmissão de falsas confidências, contou o seguinte sonho, depois de ter mentido a seu marido e ao terapeuta:

“O meu gato se perdera. Sabia que os gatos seguem um cordão quando puxamos, arrastando pelo chão, de modo que arranjei um pedaço de cordão, saí e uma longa fila de gatos me seguiu. Depois, dois alongados aderiram à fila.”

Os dois gatos seguindo a extremidade do cordão formavam uma representação figurada do marido e do psicanalista, manobrados a bel-prazer pela paciente.

Expressar em forma pictórica as condições enunciadas por: mas, quando, se, porque ou, portanto, por exemplo, exige imaginação gráfica. Entretanto as relações habitualmente estabelecidas por preposições, conjunções, outras partes do discurso ou pela pontuação, requerem meios visuais de representação no sonho. As relações causais, que são usualmente omitidas ou consubstanciadas na condensação, podem ser também representadas por um sonho dividido em seguimentos de vários comprimentos. A ordem de apresentação desses segmentos pode ser paralela à causa e efeito, ou pode ser invertida. O sonho poderá começar com o efeito e terminar com a causa, mas, em todos os casos, a seção mais comprida corresponde à oração principal, a seção mais curta, à oração subordinada.

Quando um sonho tenta apresentar uma relação entre duas ideias ou acontecimentos, coloca as imagens que os representam em mútua proximidade, substituindo a relação conceptual ou temporal por uma espacial. A fim de indicar a ideia de superioridade ou vantagem, por exemplo, o sonho pode colocar duas pessoas em diferentes níveis físicos. Pessoas minúsculas, vistas à distância, indicam eventos que ocorreram há muito tempo. Entretanto, isso constitui mais a exceção do que a regra; usualmente, as relações são omitidas ou servidas pela condensação.

A repetição de uma ação, dentro de um sonho, ou a duplicação de um elemento onírico podem significar que o acontecimento teve lugar repetidamente.

“Vi dúzias de mulheres debruçadas em janelas, de ambos os lados da rua, abanando as cabeças ao mesmo tempo. Depois gritaram todas e acenaram as mãos ameaçadoramente. Repetiram isso inúmeras vezes.”

O sonho aludia às relações do paciente com mulheres. Uma após outra as cortejava, apenas para ser rejeitado ou rechaçá-las. A ação repetida no sonho e a multidão de mulheres representavam uma sucessão de rejeições.

Para nossa confusão, a ideia de opostos e contrastes é indicada no sonho pela escolha de um ou outro ou pela inserção de ambos, como se fossem igualmente válidos. Numa terceira alternativa, os dois se podem combinar num elemento onírico. O contexto determina qual das alternativas é empregada intencionalmente.

Uma contra intenção, “Não, eu não quero”, nos pensamentos latentes é representada por meio de movimento inibido, pelos sonhos clássicos de paralisia. Estamos muitíssimo familiarizados com o “Não quero”. Uma infinita variedade de sonhos – o avião que se perde, o nome que se esquece, o carro que se extravia, assim como o sonho de imobilidade, tudo denuncia a mesma intenção: interpor um desejo negativo. A semelhança com as praxes é óbvia.

Opiniões críticas, aparecendo no sonho, pertencem aos pensamentos latentes. A zombaria nos pensamentos latentes, por exemplo, encontrará expressão num sonho manifesto cujo conteúdo transmite uma situação absurda.

“Estava comprando um terno no alfaiate. Uma mulher me mostrou ridículos ternos vermelhos de espinha. Entretive-me mexendo com ela, dizendo: ‘ Sim, dê-me dúzias e dúzias. Fico com este, e este, e mais este. Dê-me todos’”.

Os ridículos ternos vermelhos expressavam zombaria, nos pensamentos latentes. O paciente se tinha mostrado sumamente crítico em face das interpretações e as parodiava na realidade e no sonho. Por vezes, as críticas, em vez de aparecerem no sonho, são expressas por meio de um comentário. Se o paciente

dissesse: “Tive um sonho ridículo a noite passada” teria expressado sua mensagem igualmente bem.

PROCESSOS FUNDAMENTAIS PARA A

ELABORAÇÃO DO SONHO

Condensação:

Neste caso, encontram-se também as produções do pensamento do homem primitivo (arquétipos) e nas obras artísticas dos pintores surrealistas, nas quais uma mesma imagem representa diversos conteúdos latentes e se acha, assim, sobredeterminada em seu significado. A condensação em, às vezes, lugar por incorporação de elementos ou detalhes de outros conteúdos mentais à imagem central, obtendo-se, assim, uma figura que se assemelha às fotografias compostas de Galton.

Não é raro, por exemplo, que uma mesma pessoa onírica ofereça traços que recordem sucessivamente os de vários presentes ou amigos. Freud designa estas imagens com o qualificativo de “sammel personen”, ou seja, “pessoas conjuntas”. O mesmo processo é observado com os nomes, dando lugar a curiosos neologismos que recordam os da esquizofrenia. Um paciente de Freud sonhou chamar-se Norekdal. Verificou-se, pelo método de análise, que havia condensado os dois nomes da Nora e Ekdal (dois personagens de um drama de Ibsen, cuja situação afetiva teria relação com a sua).

Deslocamento: O deslocamento faz com que, em determinadas circunstâncias, recaia em um elemento onírico aparentemente neutro e insignificante e representação e o sentido de outras imagens importantes, que se acham ligados a ele por fortuitas relações associativas. No deslocamento a imagem menos interessante do conteúdo manifesto passa a ser portadora da ideia central do conteúdo latente, como nos contos policiais, em que o autor do crime é sempre aquele de quem menos suspeitamos.

As imagens representativas correspondentes a vivências recentes,

ainda não sedimentadas, são as que melhor se prestam para servir de substitutos às imagens que veiculam as cargas afetivas mais importantes e estáveis da personalidade. Por isso, é comum que interfiram nos sonhos grande número dessas “recordações recentes da vida diária”, que aparentemente não possuem significado, mas são os expoentes do significado onírico latente.

Dramatização: É o terceiro fator que intervém na elaboração dos sonhos, de acordo com a teoria Freudiana. Em virtude dessa dramatização ou “encarnação”, o sonho adquire um aspecto teatral: para ele convergem em um curto período de tempo o presente, o passado e o futuro. Todas as ideias e representações adquirem uma expressão visual (artificial) e se ligam com truques inteiramente comparáveis aos da arte e da ciência, sobretudo da arte cinematográfica muda. Alexander afirmou que os sonhos são bastante semelhantes aos “desenhos animados”, onde “tout est possible”.

A conjunção dos três fatores mencionados dá o caráter “simbólico-esotérico” do sonho, a chamada simbolização onírica, que dá ao sonho um sentido esotérico.

SIMBOLISMO

O termo simbolismo se refere, em seu sentido mais amplo, à significação metafórica ou alegórica de um tempo, uma ideia, ou um objeto.

Pode ser uma alusão a algo. Por exemplo, a bandeira representando um país, uma igreja representando uma religião, um prédio público significando o governo.

O uso de símbolos num sentido metafórico costuma ser muito idiossincrático.

O mesmo símbolo pode ter significados diferentes, não só em culturas diferentes, mas também para pessoas diferentes, e até para a mesma pessoa em diferentes ocasiões.

No trabalho de análise, o termo simbólico refere-se a uma relação bem mais restrita, embora extremamente importante, de assuntos que tratam,

principalmente, nos aspectos mais íntimos da vida. Os símbolos são absolutamente “padronizados” e, em geral, significam a mesma coisa em culturas diferentes, para pessoas diferentes, e para a mesma pessoa em diferentes ocasiões.

Freud adverte, severamente, contra a superestimação da importância dos símbolos na interpretação dos sonhos.

Ele enfatiza que as associações do paciente com o elemento onírico merecem preferência em todos os casos, enquanto que a tradução de elementos dentro do seu possível significado simbólico deve ser usada somente como um “método auxiliar”.

“O resultado é uma “técnica combinada, que de um lado repousa nas associações do sonhador e do outro preenche as lacunas com o conhecimento de símbolos do intérprete”; recomenda muita cautela a fim de impedir qualquer acusação de arbitrariedade na interpretação do sonho”, e aconselha que se tenha em mente, já que os símbolos costumam ter múltiplos significados, que a “interpretação correta só pode ser alcançada, em cada ocasião, segundo o contexto”.

Às vezes, o uso de um símbolo sexual num sonho prenuncia o surgimento de material declaradamente sexual nas sessões anteriores.

PRINCÍPIOS PARA INTERPRETAÇÃO DE SONHOS

A oniromancia é uma ciência, e uma ciência, para ser conhecida, necessita de estudos acurados. Há a oniromancia que pretende oferecer chaves para os sonhos, de modo que se possa deles beneficiar-se para fins lotéricos.

Não é esse o caminho, positivamente, seguido pela Psicanálise para explicar os sonhos e seus mistérios.

A Psicanálise encara os sonhos como fenômenos psíquicos, mas perfeitamente determinados, trazendo-nos por isso, para um dos capítulos mais importantes da Psicologia.

É o próprio analisado quem vai nos dizer o que o seu próprio sonho

significa, com as informações que nos fornecerá.

É sempre mais fácil interpretar os nossos sonhos (desde que apliquemos a técnica) do que os sonhos alheios. Mas, também nesse caso, precisamos considerar todos os elementos do sonho e nos deter sobre cada um deles, iniciando o trabalho interpretativo quando recordamos os sonhos que tivemos.

Nos sonhos alheios, procederemos de igual modo, isto é, indagaremos ao analisado quais as lembranças que lhe vêm à mente ao recordar os sonhos. Precisamos indagar tanto sobre as lembranças associadas quanto sobre lembranças de fatos da véspera (restos do dia).

Se analisamos os nossos próprios sonhos, devemos tomar o firme propósito de não ceder um passo ao influxo de nossa autocrítica. A resistência, tão presente na Livre Associação, também se intromete nas lembranças relativas ao sonho (quando não há lembrança do próprio sonho), bem como se encarrega de provocar desvios de apreensão, para que entendamos o sonho. O que foi elaborado para burlar o Superego, certamente se encarregará de distrair o Ego.

A interpretação do sonho se realiza por meio de uma resistência que visa impedir a perfeição da análise, tal qual acontece com a aplicação direta do método freudiano.

Como em geral acontecem, as ideias que o indivíduo encobre, ou que a crítica reprime, são justamente, sempre e sem exceção, as mais preciosas e as mais importantes e decisivas à análise.

Para uma perfeita interpretação, verificamos que um determinado elemento do sonho deve lembrar, por exemplo, um fato recente; ou que na véspera do sonho houve “isto” e mais “aquilo”. Esses “elementos achados” unem-se, depois, a acontecimentos mais longínquos e, às vezes, a épocas remotas.

Uma vez decomposto o sonho em seus elementos, enlaçaremos uns com os outros e teremos, assim, o sentido total, ou melhor, a decifração procurada.

Como dificuldade, garantimos que nem sempre ocorre à memória “alguma coisa” que, desde logo, se relacione com o sonho que pretendemos analisar.

RECAPITULAÇÃO

Freud (1893-1895) atribuiu valor ao sonho dez anos antes, pelo menos, da publicação de “A Interpretação de Sonhos” (1900).

Enquanto tratava Frau Emmy Von N., em 1889-1890, descobriu que ela apresentava espontaneamente os seus sonhos a par de outro material descritivo.

Tendo já descoberto a transferência, a resistência e a necessidade de um ego autônomo em terapia, Freud abandonou a hipnose, que criava distorções e adicionava complicações a esses fatores essenciais, e voltou-se para a livre associação e o método que conhecemos como Psicanálise.

Freud usou então os sonhos como ponto de partida para as associações, que em última instância, conduziam até as ideias inconscientes que se ocultavam atrás de sintomas e sonhos e eram responsáveis por ambos.

Pela primeira vez, o significado dos sonhos era cientificamente abordado.

Hoje, sabemos que dormir é sonhar, e que o “acaso” deixou de ser admissível. Trabalhos experimentais de controle do sono e Movimentos Rápidos do Olho (REM - Rapid Eye Movement) (Fischer, 1965) demonstram que sonhar é uma necessidade neurofisiológica e a privação onírica acarreta sérias consequências mentais e físicas.

As conclusões REM indicam que o sonho ocorre regularmente durante o sono. As mudanças neurofisiológicas que têm lugar durante os períodos de REM sugerem que a ativação da área límbica do cérebro – uma área associada com o funcionamento primitivo de impulsos e afetos – está em jogo.

Essa retrogressão neurofisiológica corrobora a teoria de Freud de que o sonho é um fenômeno regressivo, o qual nos devolve aos estados primitivos da infância. Embora pesquisas recentes de controle dos sonhos tenham gerado significativas descobertas sobre a natureza obrigatória do sonho, sua duração e

recordação, essa pesquisa ainda não reproduziu informações sobre o conteúdo ou formação do sonho.

Até onde sabemos, os sonhos são produzidos por surtos de atividade psíquica que, em virtude de o sono cortar a possibilidade de ação motora voluntária, procura descarga sensorial.

Além de limitar a mobilidade física, o estado de sono reduz o contato com o mundo externo e, por isso, a função perceptiva do ego, o qual nunca será totalmente adormecido, dispõe de mais energia para se dedicar à atividade psíquica interna. Quando o controle e censura normais dos impulsos antissociais na pessoa desperta e são parcialmente abandonados, há um certo relaxamento do Superego, estabelece-se um conjunto de condições favoráveis à produção de um sonho.

- Os sonhos são sempre precipitados por fatos da véspera. São chamados “restos do dia”;
- Os sonhos traduzem sempre uma preocupação do presente dramatizado sobre elementos mnêmicos (memórias) do passado;
- A relação de causa e efeito entre dois fatos permanece, geralmente, expressa no processo onírico pela sequência cronológica das imagens ou pelos fatos sequenciais;
- Uma mesma série de imagens oníricas pode representar ou simbolizar um fato e seu contrário (antítese), isto é, a ação positiva e negativa. Assim, quando em sonhos vemos uma pessoa morrer, esse fato pode significar tanto nosso desejo que ela morra, quanto o desejo que ela não morra;
- As relações de analogia entre dois fatos ou processos representam, geralmente no sonho, mediante o aparecimento de algum elemento que resulte comum a ambos por via associativa. O fato de que alguma pessoa tenha, por exemplo, algum detalhe em suas vestes, que em realidade corresponda à de outra pessoa, deve ser interpretado, segundo esta norma, como uma referência comparativa que exista entre as duas pessoas, de acordo com o critério do sonho. Consequentemente, é possível que todos os atos que a pessoa sonhada realiza,

correspondam ao que desejaríamos ver praticados, na realidade, pela pessoa a qual corresponde o referido detalhe da veste;

➤ O estado de dúvida ou de luta subconsciente de dois desejos é simbolizado no sonho, geralmente, pela exposição sucessiva de dois acontecimentos contrários ou de suas soluções opostas. Assim, é bastante frequente que sonhemos, por exemplo, que fazemos uma viagem em companhia de uma determinada pessoa e que depois continuamos a tal viagem em companhia de outrem;

➤ Os sonhos de angústia ou sonhos maus (pesadelos) nos quais o paciente desperta de modo brusco, acometido por uma grande opressão ou mal-estar, são os que costumam ser de mais difícil interpretação e oferecem um deslocamento mais manifesto de seus elementos. Será, portanto, muito útil, não começar sua exploração psicanalítica sem ter o material dos sonhos que procederam aqueles ou que os seguiram. Estes sonhos devem se produzir quando o sonhador vive uma situação violenta. Seu conteúdo latente encontra-se, geralmente, constituído por tendências francamente antimorais e delituosas: desejo de morte, incestuosas etc.;

➤ Nunca devemos aventurar uma explicação geral da intenção de um sonho sem ter obtido a confirmação de cada um dos detalhes em que nos baseamos. Sob o ponto de vista psicanalítico, é cem vezes preferível deixar em suspenso uma interpretação onírica, que fazê-la prematuramente, arrastando-nos, assim, por caminhos que desorientarão e nos levarão ao erro;

➤ Antes de tentarmos a interpretação, precisamos fazer perguntas procurando permitir que o paciente relacione o conteúdo manifesto com coisas e lugares que ele se lembre;

➤ Devemos pedir que o paciente associe as coisas do conteúdo manifesto com fatos que aconteceram, tanto de sua vida quanto da sociedade em geral;

➤ Chamamos “Sonhos de Serviços” aqueles que são produzidos só para sustentar o sono.

CASAMENTO – É simbolizado pela loteria, “um estado de felicidade de curta duração”. Um casal, por “dois cavalos”. É muitas vezes simbolizado por uma casa. A destruição de uma casa, no sonho, refere-se à destruição de um casamento por divórcio, novo casamento ou morte de um dos cônjuges. Se o sonhador se encontra na casa de outrem, ele pode estar expressando o desejo de se casar com outra pessoa.

FAMÍLIA – Os pais são simbolizados por pessoas de suma autoridade: imperador e imperatriz, rei e rainha, czar e czarina, presidente e primeira dama, governador e esposa, prefeito esposa; pessoas de grande status ou fama, etc.

Ex.: O “trono” na expressão “sentar-se no trono” refere-se ao vaso sanitário. Nessas pessoas, a caracterização do casal de reis, em seus respectivos tronos, pode ser uma expressão do grande escárnio e desdém, para com seus pais que é dissimulado ao colocá-los numa posição elevada. Isto deriva da antiga visão ambivalente do sonhador a respeito dos pais.

A escolha de figuras aviltantes para representar os pais expressa os sentimentos negativos da pessoa para com eles.

OS FANTASMAS, figurados como elementos oníricos, podem representar figuras femininas, em camisolas brancas, mas se devem obter informações específicas, pois a referência também pode ligar-se a um livro, peça teatral, filme ou programa de televisão, ou talvez a alguém realmente já falecido. Além disso, a caracterização de um fantasma pode referir-se a desejos de matar voltados contra um dos pais.

HOMEM OU MULHER NEGROS no conteúdo manifesto dos sonhos representa a paixão, em geral ou mais especificamente, dos pais do sonhador em sua atividade sexual noturna (ato de escuridão), isto é, relações sexuais. As conotações agressivas, aqui, podem referir-se, então, à concepção infantil do coito dos pais como sendo um ato violento. A figura “negra” nos sonhos pode referir-se também ao analista, sobre cuja vida pessoal do paciente acha-se no escuro.

O PAI – também pode ser representado pelo sol. Freud assinala que um

pai temido é representado por um animal de rapina, um cão ou um cavalo selvagem. Um touro enraivecido pode simbolizar a força masculina.

A MÃE – pode ser representada por uma figura investida de autoridade e altamente estimada, como uma professora, uma madre superiora, uma diretora de colégio. Também pode ser simbolizada pela lua, pelo mar.

BEBÊS – Nos sonhos os insetos nocivos representam bebês.

A IRMÃ – Representada por uma freira ou por um rio.

O IRMÃO – representado por um monge ou por um confrade.

A FIGURA HUMANA – A única representação típica – normal – da figura humana como um todo é uma casa. Quando o sonhador se vê dentro de uma casa, isso pode referir-se ao corpo materno (fantasia de vida intrauterina).

MESAS POSTAS PARA A REFEIÇÃO – costumam referir-se aos seios maternos.

PLACA DE ALGUM VEÍCULO – serve para expressar aproximadamente o ano em que algum evento ocorreu.

ROUPAS E UNIFORMES – são um substituto para a nudez, ou formas do físico.

A EXPRESSÃO “LÁ EM BAIXO” – nos sonhos costuma relacionar-se com os órgãos genitais, enquanto que a expressão “LÁ EM CIMA”, ao contrário trata-se de rosto, boca, seios.

ÓRGÃO GENITAL MASCULINO: Existem, provavelmente, mais símbolos de órgão genital masculino do que todos os outros símbolos somados. Para os genitais masculinos, como um todo, o número sagrado 3 (três) tem significação simbólica. Outros são lápis, gravatas, cedros edifícios, torres, armas de qualquer espécie, facas, punhais, agulhas, enfim todo objeto penetrante. Torneiras e todos os objetos que expõem líquidos. Objetos que elevam contra a gravidade, tais como balões, foguetes, papagaios, pássaros etc. Cobras, peixes, serpentes e inclusive o trevo de quatro folhas.

ÓRGÃO GENITAL FEMININO: A simbolização dos órgãos genitais femininos pode ser dividida entre símbolos que referem à genitália externa, as partes diretamente visíveis, e símbolos referentes a genitália externa, nas partes que não são visíveis. Os pelos púbicos das mulheres são simbolizados com mais frequência, por peles, casacos de peles, bosques, arbustos, florestas, moitas ou grupos de árvores. Portas, portões, o número zero e a letra O. Doce, gatinha, caracóis, mexilhões, segundo Freud, “são inegavelmente símbolos femininos”. O gato é um símbolo do genital feminino, joias, estojo de joias, adereços, ferradura, referem-se a genitália interna.

MENSTRUACÃO – sangue, ou cor vermelha, vinho, morangos, framboesas, groselhas.

NÁDEGAS E SEIOS – São representados por maçãs, peras e frutas em geral.

CHAPÉUS – Medo de castração.

ROUPAS INTIMAS – são considerados por Freud símbolos femininos.

SAPATOS E CHINELOS – órgãos genitais femininos. Não esqueçamos que as flores são os órgãos genitais das plantas.

ABACAXI – refere-se ao seio agressivo, nocivo, mesquinho, espinhento, aquele que nega o leite.

BANANA – órgão genital masculino.

DIMINUTIVO – O termo “pequeno” muitas vezes, aparece como bebê ou pênis.

PLANOS, MAPAS, GRÁFICOS E DIAGRAMAS – representam o corpo humano.

BAGAGEM – às vezes é a carga do pecado que oprime, pois significa o útero, no qual se carrega o feto.

MASTURBAÇÃO – é significada por todos os tipos de brincadeira, incluindo tocar piano, deslizar ou escorregar, desfolhar um galho.

RELAÇÕES SEXUAIS – as atividades rítmicas, tais como dançar, cavalgar e escalar devem ser consideradas.

ARANHAS - é o símbolo da mãe, mas da mãe fálica, aquela que receamos.

PONTES – representa o órgão genital masculino, que liga, une o pai, à mãe.

MORTE – partir de viagem.

EMUDECIMENTO NO SONHO – significa a morte, esconder e não ser encontrado também, acentuada palidez.

Personagens reais (reis e rainhas) representam normalmente os pais do sonhador, sendo que este aparece quase sempre como príncipe ou princesa.

Às vezes, os pais são representados por homens ou mulheres célebres.

Todos os objetos longos ou pontiagudos: facas, punhais, lixa de unha, representam o órgão sexual masculino.

Os estojos, caixas, estufas, correspondem ao corpo feminino, como também as cavernas, barcos e toda forma de recipientes;

As habitações são, quase sempre, mulheres. Uma habitação fechada ou aberta nem precisa ser explicada.

O sonho de fugir através de várias habitações representa a pessoa em um harém ou em um lugar de prostituição.

Se a pessoa sonha com duas habitações, que antes eram uma, seu sonho está relacionado com a investigação sexual infantil, quando o menino supõe que o órgão sexual feminino se confunde com o ânus.

Os degraus de uma escada, subindo ou descendo, são símbolos do ato sexual.

As paredes e muros lisos pelos quais subimos, e as fachadas das casas pelas quais descemos, às vezes com grande angústia, correspondem a corpos

humanos em posição ereta e reproduzem, no sonho, provavelmente, a lembrança infantil de subir pelas pernas dos pais.

Os muros lisos são homens.

As mesas postas para refeição e as tábuas são igualmente mulheres.

A madeira parece ser, em geral, um símbolo de matéria feminina, sendo a mesa e a cama o que objetivamente constitui matrimônio.

Um ato de glotonaria (gula) pode ter o significado anterior, também.

O chapéu feminino ou agasalho, aparecem com frequência como símbolos genitais femininos.

A gravata é um símbolo peniano, tanto pelo fato de ser armada na frente e ser utensílio característico do homem, quanto porque pode ser escolhida à vontade, coisa que a natureza não nos permite fazer com o membro simbolizado.

Todas as complicadas maquinarias e aparelhos que surgem no sonho. São provavelmente, órgãos genitais e, quase masculinos. As ferramentas também aparecem com esse significado.

As paisagens, sobretudo as que mostram pontes ou montanhas cheias de bosques, podem ser interpretadas como símbolos de órgãos genitais femininos.

Os meninos pequenos devem ser símbolo do órgão sexual masculino.

Brincar com crianças pequenas, dar-lhes golpes, acariciá-las etc., são frequentemente, representações oníricas da masturbação.

A calvície, cortar os cabelos, a extração de um dente e a decapitação, são utilizados para representar simbolicamente a castração, cujo complexo tem importante papel na psicologia de muitas mulheres.

Quando um dos símbolos usuais do pênis aparecem mutilados em sonho, devemos interpretar como medo preventivo da castração.

A imagem onírica da lagartixa, também significa castração, pelo fato da cauda desse animal crescer depois de ter sido cortada.

Animais pequenos e parasitas representam os irmãozinhos que vieram perturbar, com seu nascimento, a hegemonia do primogênito.

Animais empregados na mitologia e no folclore são símbolos de órgãos genitais, tais como: coelho, peixe, caracol, rato, sobretudo a serpente, são símbolos do pênis.

Sonhar que tem o corpo invadido de parasitas, é símbolo de gravidez.

Aviões, foguetes, armas de guerra, são símbolos penianos.

À direita e a esquerda, devem ser interpretados no sentido ético. O caminho da direita significa o que deve ser seguir etc..

O caminho esquerdo, várias vezes, significa o da homossexualidade, do incesto, das perversões sexuais.

É claro que os elementos alinhados são, fundamentalmente, sexuais, como não poderia deixar de ser, uma vez que Freud apresenta a teoria que admite ser a realidade de natureza sexual. Entretanto, nem todos os sonhos são sexuais. Todos, contudo, pretendem a satisfação de um desejo.

A RESISTÊNCIA NO SONHO

O desenvolvimento de resistência durante a análise é desconcertante, desencorajador e inevitável. Tendo decidido submeter-se a uma exploração de sua vida mental e emocional, o paciente manifesta sintomas de aversão à própria missão que decidiu levar a cabo. A simples perspectiva de expor o inconsciente põe em movimento uma ação contrária. Todas as razões para se apresentar à análise parecem evaporar-se. O intervalo entre procurar e rejeitar a ajuda pode não ser adequado nem discernível. A resistência pode-se denunciar abruptamente ou insinuar gradualmente, mas não deixará de vir.

Um obstáculo ao progresso analítico e, paradoxalmente, um de seus ingredientes essenciais, a resistência, acompanha, literalmente todas as fases do tratamento. Quando aplicada em um sentido psicanalítico, a resistência não é um

conceito pejorativo. Não a interpretamos na sua conotação comum do dia a dia, mas a consideramos, outrossim, uma defesa inconsciente que visa manter o inconsciente enterrado, mediante a obstrução do próprio processo analítico. Reconhecemo-la como um constituinte inveterado da análise, exigindo consideração constante. Encontrá-la-emos, em certa medida, em todos os sonhos.

A resistência faz uso de todas as partes do aparelho psíquico. As formas que assume revelam componentes básicos da estrutura do caráter do paciente e elucidam as duradouras defensivas do ego. Inconscientemente, os pacientes reduzem um fator do Id na resistência, ao se apegarem a anseios infantis, mediante a regressão. Na análise, esperamos e até encorajamos a regressão; entretanto, temos de recordar que ela pode se tornar uma satisfação em si mesma. O superego, sobretudo quando funciona arcaicamente em oposição a todas as formas de gratificação e bem-estar, apoia a resistência ao negar o progresso terapêutico e ao manter a autocondenação. As contribuições para a resistência de todos os três sistemas estruturais são evidentes no sonho.

Se quisermos que os nossos esforços para libertar o inconsciente da repressão acarretem algum benefício, a interpretação da resistência, como a de qualquer defesa, tem de preceder a análise do impulso. Isso se aplica com igual pertinência à resistência e ao impulso, na medida em que aparecem no sonho. O sonho, com as suas associações, ajuda-nos a avaliar o equilíbrio entre as duas forças e nos habilita a calcular o estado do ego em que elas estão consubstanciadas.

A resistência introduz mudanças formidáveis e desconcertantes no clima analítico. Os muitos disfarces que assume tornam difícil o seu reconhecimento. O sonho não só ajuda a revelar antecipadamente a sua presença, em relação a outras vias de informação, mas também é um meio de levar a resistência à consciência. O sonho fornece uma abordagem sensitiva tanto da forma como das origens infantis inconscientes da resistência e nos habilita a reconstituir a sua estrutura mais sutil.

Com efeito, o sonho é a estrada real para a descoberta dos aspectos multiformes da resistência.

O sonho não só apresenta as formas e facetas de resistência, mas pode

tornar-se um veículo para a expressão da força que se opõe à análise. À medida que o paciente vai ficando cada vez mais cômico do papel que o sonho desempenha na análise, poderá inconscientemente usá-lo a serviço da resistência. Tais sonhos, em vez de elucidarem, atuam predominantemente para obscurecer e são, portanto, tipicamente inacessíveis à interpretação.

O sonho indeterminável é, invariavelmente, um produto de resistência. Se o analista não prestasse atenção aos pormenores de um sonho que consome a maior parte de uma hora na sua narração, não poderia ser acusado de fugir às suas responsabilidades. A análise do conteúdo ostensivo se fosse viável, não teria grandes probabilidades de ser produtiva. As simples considerações práticas de tempo excluem, por si só, a possibilidade de investigar sonhos volumosos. A mesma resistência que usa o sonho para absorver uma hora inteira fornece uma variação quando atrasa a apresentação para os últimos minutos. Portanto, o analista não tem por que se sentir perdido quando um sonho é relatado tardiamente demais para que possa ser abordado na sessão. De fato, poderia reconhecer francamente a sua incapacidade para ajudar grande coisa quando os sonhos são oferecidos nessas circunstâncias.

A formação do sonho interminável indica uma tentativa de eliminar oniricamente a ansiedade e pode ser comparada à atividade compulsiva a que recorrem os que procuram impedir a irrupção de pensamentos e sentimentos perturbadores. Portanto, o sonho prolongado pode ser considerado o repúdio da ansiedade insuportável, um substituto para a realidade. Com efeito, há pacientes que se dizem sentir apreensivos e inadequados quando não tem sonhos a relatar.

A substituição da realidade pela fantasia pode toldar a distinção entre as duas. Por vezes, os pacientes dedicam tanto tempo a atenção aos seus sonhos que nunca temos notícias sobre os acontecimentos significativos que ocorrem em suas vidas cotidianas. A preocupação exagerada com os sonhos converte o irreal em real e reduz o real ao irreal.

Se o sonho é a via principal para o esclarecimento da resistência, ela nos conduz não menos seguramente à elucidação da transferência. O processo de

reviver impulsos e fantasias, envolvendo figuras significativas do passado, e de reinterpretá-las dramaticamente com o analista, ocorre silenciosamente e no escuro, justamente onde o sonho está em seus próprios domínios e presta o maior serviço.

Quando as atitudes infantis estão focalizadas no analista, através do sonho, são trazidas a descoberto e tornam-se mais palpáveis. Lidar com o tangível, o presente, é sempre mais significativo para um paciente do que pelejar com espectros em que não se pode pôr a mão. O sonho dá expressão concreta à transferência (que é ela própria, uma concretização de poderosos estados emocionais) e, portanto, retira a análise do domínio do abstrato. Os sonhos revelam a concepção predominante do que sonha sobre o analista, mediante o papel que lhe atribui. O analista pode materializar-se como professor, pai, agente de lei, espião, servidor, palhaço, condutor de um veículo, como presidente ou monstro. Correspondentemente, o consultório do analista pode ser transformado em uma sala de operações, em uma prisão, em um museu de antiguidades, em um banheiro onde se cumprem deveres, em um país estrangeiro onde se falam idiomas estranhos, em um restaurante, teatro, armazém ou biblioteca.

Ao transmitir informações explícitas que não são acessíveis de outro modo sobre a origem das atitudes de transferência, o sonho fornece datas precisas sobre a gênese dessas atitudes.

As reações à análise e ao analista que não são transportadas do passado, que não são novas versões de uma antiga relação, mas se baseiam na situação tal como realmente existe no presente, são também adotadas pelo sonho. No caso dos sonhos em que o analista aparece é importante distinguir entre aquelas apresentações que se lhe referem tal como ele é as que o dotam de qualidades transportadas de modelos anteriores.

A versão analítica das relações da criança com os seus pais contém o complemento total de ambivalência inerente à sua edição original. Tenho observado que muitos estudantes de psicanálise consideram a transferência positiva como um encorajador progresso terapêutico, mas encaram a transferência negativa como um verdadeiro malefício plantado no caminho do progresso; entretanto, o real inimigo é

a indiferença. Qualquer transferência é preferível a nenhuma. A transferência negativa não tem por que suspender, forçosamente, o trabalho analítico, assim como a transferência positiva tampouco facilita automaticamente o seu avanço. Tanto um como outro aspecto podem ser veículos de uma resistência.

O tratamento dado aos sonhos que contém elementos de transferência depende da nossa avaliação do estado do ego do paciente. Quando pensamos que o paciente, ajudado por uma estimativa crítica da intensidade de sua própria reação e da natureza improvável e alheia ao ego dessa reação, está prestes a estabelecer uma conexão entre o passado e o presente, fornecemos a necessária intervenção para completar o processo já ativo nele. O valor terapêutico da transferência exige, porém, que usemos de cautela ao interpretá-la para o paciente. Se a interpretação não puder ajudar a lidar com uma defesa, a esclarecer um desenvolvimento genético ou a reconstruir uma experiência passada, a ênfase gratuita na transferência pode perturbar o seu delicado equilíbrio e interferir na sua evolução.

A transferência, positiva ou negativa, pode converter-se em uma fonte de resistência obstinada – uma e outra podem caminhar de mãos dadas. O impulso infantil inconsciente é suscetível de dotar a transferência de tal intensidade que a realidade da situação analítica será completamente obliterada e a aliança terapêutica viciada. Para que o trabalho de análise progrida, tal transferência, com suas implicações de resistência, têm de ser interpretada sem esperar que se definam as condições ótimas. Quando a transferência toca essa ruma, o sonho pode ajudar como aviso prévio da necessidade de interpretação antes do paciente representar dramaticamente a sua última resistência – abandonando a análise.

Contribuições da Psicofisiologia

Nos anos 1950, apareceu o livro do pesquisador R. Fliess acerca da descoberta psicofisiológica dos movimentos oculares durante o sonhar, e das formas de como aparecem os traçados eletroencefalográficos no curso de certas fases do sono, especialmente o período que passou a ser chamado de REM, o qual designa o fato de que o sono está sendo acompanhado por um movimento rápido dos olhos (a sigla REM, em inglês, significa “rapid eyes movements”). Essa fase é denominada de

“paradoxal” devido ao paradoxo de que é justamente quando o sono está sendo mais profundo que o ritmo cerebral registrado no eletroencefalograma aproxima-se do estado de vigília, sendo que o movimento rápido dos olhos aparenta como se a pessoa adormecida seguisse uma cena com os olhos, ao mesmo tempo em que a via piramidal do movimento voluntário é inibida, com paralisia motora total. Como assinala P. Jeammet (1989), caso a pessoa adormecida seja despertada durante essa fase, ela é capaz, na maioria das vezes, de narrar o sonho, contrariamente às outras fases do sono. Além disso, estudos experimentais mostram que a privação eletiva dessa fase do sono (por meio do recurso de forçar uma interrupção do sono justamente quando aparece o movimento rápido dos olhos), diferentemente do que acontece nas outras fases, provoca distúrbios importantes durante a vigília, como um comportamento alucinatório no animal, transtornos da personalidade, mudanças de caráter e diminuição da eficiência no homem.

Tais descobertas causaram um grande entusiasmo entre os pesquisadores da área e estabeleceram-se laboratórios, que prosseguem ativamente nos dias de hoje, para o estudo dos fenômenos que acompanham o dormir, o sonhar e a atividade onírica durante toda a noite. Um aspecto interessante a ser consignado é o fato de que os fenômenos que ocorrem na fase REM, de modo genérico, estão confirmando as hipóteses de Freud.

Para M. Klein, o sonho consiste em uma dramatização de algum conflito, com as respectivas fantasias inconscientes e angústias, do qual participariam todos os elementos componentes do self. Entre outros, os autores kleinianos que mais se aprofundaram no estudo dos sonhos foram H. Segal e D. Meltzer, sendo que este último atacou duramente (e parece que de modo exagerado) as concepções de Freud. Em um de seus últimos livros “Dream Life” (1984) –, Meltzer concebe que o sonho traduz, sobretudo, as representações simbólicas dos estados da mente de quem sonha, além de que a atividade do inconsciente, geradora de símbolos, está presente indiretamente no dia a dia da vida de vigília, de modo a transparecer uma atividade permanente que corresponde às fantasias inconscientes. Ademais, discordando radicalmente de Freud, Meltzer acredita que o sonho é um processo ativo, que tem uma capacidade criativa e é um gerador de símbolos. Em resumo, para

Meltzer, “Dream Life” significa que o script do sonho é o mesmo da vida consciente, de modo que, na verdade, “a pessoa vive nos sonhos”.

Psicólogos do Ego

Os autores dessa corrente psicanalítica também se afastaram bastante de Freud (alguns deles, jocosamente, costumavam dizer que a “via régia” de Freud já estava gasta e algo inutilizada, de tanto ter sido transitada) e enfocaram os sonhos do ponto de vista da estrutura da mente. Por exemplo, o caso em que certo paciente sonhou com um prédio onde homens e mulheres circulavam entre os três andares, subindo e descendo, entrando e saindo, aquilo que provavelmente Freud interpretaria como símbolos expressando o desejo reprimido de relações sexuais (“entrando e saindo...”), os psicólogos do ego privilegiaram o entendimento de que a movimentação entre os três andares do prédio estava traduzindo de como se processava o trânsito – adaptativo – entre as três estruturas da mente do paciente, as pulsões do id, as defesas do ego e as ameaças do superego.

O fenômeno dos sonhos foi abordado por esse autor a partir de vários vértices, como o do modelo continente-conteúdo, no qual o sonho funciona como um “continente” de primitivos sentimentos, ideias e protopensamentos que estão armazenados, e ao mesmo tempo ele funciona como um “conteúdo” que na situação analítica está como que “pedindo” para ser contido e entendido pelo seu analista. Um outro modelo utilizado por Bion é o do aparelho psíquico funcionando como o sistema digestivo, de tal sorte que também os sonhos seguem o trajeto que vai de uma incorporação de estímulos antigos e recentes até uma evacuação. Essa ideia de evacuação de conteúdos mentais foi utilizada por Bion para formular a sua importante concepção de que os estímulos primitivos que geraram sensações e emoções primitivas, em uma primeira etapa da formação de pensamentos, não passavam de protopensamentos, que ele denominou “elementos-beta”, os quais não se prestam para serem pensados, mas tão somente, para serem evacuados. Se os elementos-beta forem transformados em “elementos-alfa” então, sim, começará a construção de um “aparelho para pensar os pensamentos”, como Bion denomina. Para que se dê essa transformação de “beta” em “alfa” é indispensável que a criança encontre na mãe uma eficaz “função-alfa”, que, além de dar um sentido, significado e nome

para as suas experiências emocionais, também lhe possibilite a formação de uma “barreira de contato” (também conhecida como “tela-alfa”) composta por esses elementos alfa, que sirva como uma barreira delimitadora e permeável entre o inconsciente e o sistema pré-consciente-consciente.

Esse trânsito permeável entre inconsciente, pré-consciente e consciente, mais a capacidade para distinguir entre o sono e a vigília, e mais ainda, uma capacidade para formar símbolos é que, segundo Bion, possibilita a formação dos sonhos e de um “pensamento onírico” (que aparece, juntamente com os mitos e sonhos, na fileira “C” da sua “grade”). Se não houver uma função-alfa eficaz da mãe, surgirá uma “pantalha-beta” que não consegue estabelecer os limites entre inconsciente e consciente, o que, somado à concomitante dificuldade de elaborar e simbolizar, vai impedir a formação de sonhos, a ponto de Bion afirmar que “os psicóticos não sonham” e que “nas psicoses e estados borderline os sonhos confundem-se com alucinações”. A afirmativa de que os psicóticos não sonham costuma causar uma certa estranheza, porquanto muitas vezes eles narram sonhos; Bion explica essa aparente contradição com o argumento de que, nesse caso, trata-se de um sonho meramente evacuativo de restos diurnos que não passaram pelo processo de simbolização e elaboração.

Grinberg e colaboradores (1967), baseados nessas concepções de Bion, propuseram duas contribuições: 1) A existência de três tipos de sonhos: o elaborativo, o evacuativo e o misto. 2) De forma similar ao “aparelho para pensar os pensamentos”, tal como foi formulado por Bion, aqueles autores concebem a existência no psiquismo de um “aparelho para sonhar os sonhos”.

Um grupo de psicanalistas franceses, liderados por P. Marty, esboça uma resposta a uma instigante questão: existe alguma especificidade entre o tipo do sonho manifesto e o perfil caracterológico do sonha? Pelo menos, em alguns casos, eles acreditam que sim. Assim, segundo Rallo (1989), aqueles psicanalistas consideram que os pacientes psicossomáticos apresentam sonhos com três características típicas: ou eles são prosaicos, sem contato com o conteúdo pulsional, ou, pelo contrário, em seus sonhos os conteúdos inconscientes irrompem de uma forma bruta, sem elaboração secundária, constituindo os chamados “sonhos crus”,

ou a terceira possibilidade é a de que existe nesse tipo de paciente uma pobreza na produção onírica. Em todos os casos, a análise permite observar que nos pacientes somatizadores existe uma pobreza da vida de fantasia, juntamente com uma forma de pensamento muito mecanizada, que eles chamam de “pensamento operatório”, sendo que tudo isso se origina na infância em decorrência de um déficit na função da “barreira protetora” de estímulos – a chamada função de “para-excitação” da mãe – que vem a ser, ou não, internalizada pela criança.

Ainda em relação a uma possível forma de sonhos típicos para determinadas psicopatologias, recentes pesquisas eletrofisiológicas apontam que nas pessoas deprimidas a atividade onírica processa-se muito próxima à atividade pré-consciente da vigília, de modo que o sonho de tais pessoas é de um nível muito superficial, e elas contam que sonham como se estivessem despertas, com conteúdo do sonho de caráter opressor e que não se distinguem das suas preocupações da vigília.

“É muito cômodo esquecer que, via de regra, um sonho é simplesmente um pensamento como qualquer outro, possibilitado por um relaxamento da censura e pelo reforço do inconsciente e distorcido pela atuação da censura e pela revisão do inconsciente”.

No trato com o material e as associações dos sonhos, são importantes as regras gerais aplicáveis a todo material fornecido pelo paciente. É essencial que o terapeuta mantenha sua atenção suspensa, ouvindo passivamente e não tente concentrar-se sobre qualquer elemento ou associação em particular. “O terapeuta não coloca seus poderes de reflexão em ação”.

Freud aplicou suas próprias associações aos sonhos de seus pacientes, a fim de ajudar na compreensão do que eles diziam.

Freud sintetizou, assim, a orientação geral ao terapeuta para o momento de escutar o material dos sonhos.

a) Não nos devemos preocupar com o que sonho parece dizer-nos, se ele é inteligível ou absurdo, claro ou confuso, já que o que estamos buscando pode

não ser o material consciente;

b) Devemos restringir nossa tarefa a evocar as ideias substantivas para cada elemento, não devemos refletir sobre elas nem ponderar se contêm algo relevante, e não devemos ficar preocupados com o quanto elas divergem do elemento onírico;

c) Devemos guardar até que o material inconsciente oculto, que estamos procurando, venha à tona por si mesmo.

A tarefa dos terapeutas é a de ajudar o paciente a trazer à tona as associações com os vários elementos do sonho, facilitar seu fluxo por meio de estímulo, de perguntas apropriadas e pelo trato com as resistências e transferências do paciente;

Quando um paciente expõe um sonho pela primeira vez, o terapeuta tem a oportunidade de indagar acerca do conhecimento que o paciente tem sobre os sonhos;

Às vezes, os pacientes tendem a relatar seus sonhos de maneira sumária, omitindo muitos detalhes e complexidades da história do sonho manifesto;

Se o paciente nada conhece acerca de sonhos, o sonho por ele recordado (isto é, o sonho manifesto) é como um quebra-cabeça, um enigma ou uma mensagem codificada;

a) Pode-se proceder de forma cronológica e levar o sonhador a trazer à baila suas associações com os elementos do sonho, na ordem em que esses elementos ocorreram no seu relato do sonho. Esse é o método clássico, original que (eu) ainda considero como o melhor quando se estão analisando os próprios sonhos: “Porque não começamos pelo começo?”;

b) Pode-se começar pelo trabalho de interpretação a partir de algum elemento específico que se escolhe no meio do sonho. Por exemplo,

pode-se escolher a parte mais impressionante ou a que revele a maior clareza ou intensidade sensorial. O exemplo freudiano de escolher um elemento que seja especialmente impressionante, claro ou nítido, fornece um outro ponto de partida útil para as associações, já que esses elementos são, em geral, muito mais definidos.

Devemos, contudo, advertir ao terapeuta que, em algumas ocasiões, sentimentos muito intensos estão ligados a elementos especialmente claros ou nítidos do sonho. Daí, temendo que o tratamento venha a ser pior do que a doença, a ansiedade do paciente pode ocasionar-lhe um aumento da resistência e causar uma interrupção na terapia antes mesmo que ela tenha começado;

c) Pode-se começar a partir de algumas palavras ditas no sonho, na expectativa de que possam levar à recordação de algumas palavras pronunciadas na vida desperta, visto que as falas num sonho frequentemente se referem, com modificações, a algo que foi dito, ouvido ou lido no dia do sonho, isto é, no dia anterior ao sonho. Elas constituem um excelente ponto de partida para a investigação analítica;

d) Pode-se principiar deixando de lado o conteúdo manifesto e, ao invés disso, perguntar ao sonhador quais os fatos do dia anterior que se acham associados, em sua mente, com o sonho que ele acabou de descrever. O fundamento para isso é que “em todo sonho é possível descobrir-se em ponto de contato com as experiências do dia anterior”. Na verdade, mesmo a referência mais trivial, uma vez que tenha sido introduzida no sonho de algum modo, é importante, pelo fato de constituir um ponto de partida para uma cadeia de associações contendo informações específicas.

Caso o paciente, ao discutir seus sonhos, omita, conscientemente e por um período muito extenso, qualquer referência a resíduos do dia ou aos estímulos do dia do sonho, o terapeuta deve considerar a possibilidade de o paciente estar suprimindo alguma coisa importante da realidade e deve, então, tentar compreender por que está se retraindo. Os sonhos têm seu ponto de partida na vida desperta e atuam sobre o material dela derivado.

A capacidade de enxergar um elemento do sonho manifesto que se refira à sessão de análise anterior, representa grande ajuda na terapia.

São de especial importância no material residual o dia, durante os estágios iniciais da terapia, as primeiras manifestações de preocupação, hesitação e ansiedade acerca do início do tratamento, e o material de transferência relativo aos sentimentos do paciente a respeito do terapeuta.

a) Se é muito difícil acompanhar o primeiro relato de um sonho que (nos) é feito por um paciente, pedimos que ele repita o seu relato. Ao fazê-lo, ele raramente usa as mesmas palavras. Mas as partes do sonho que ele descreve com termos diferentes, se nos revelam, por esse fato, como o ponto fraco do disfarce do sonho... Nossa solicitação ao paciente, para que repita seu relato do sonho, o adverte de que nós estávamos propondo um esforço especial a fim de solucioná-lo. Só à pressão da resistência, portanto, ele se apressa em cobrir os pontos fracos do disfarce do sonho, substituindo algumas expressões que ameaçam delatar seu sentido por outras menos reveladoras. Desse modo, ele desperta a nossa atenção para a palavra que tenha suprimido. Quando se pede ao sonhador para repetir um sonho assim, ele omite, visivelmente, uma das partes. Sob tais circunstâncias, é fácil despertar a atenção do sonhador para a omissão e então tentar descobrir por que ele omitiu aquela passagem em particular. Pedir a um paciente para repetir a descrição de um sonho, e então chamar sua atenção para as partes que haja omitido, pode fazê-lo sentir-se alvo de crítica por parte do terapeuta, ou pior ainda, pode levá-lo a pensar que foi ludibriado, ou manobrado, a fim de revelar algo que desejava ocultar. Seria, então, aconselhável para o terapeuta lidar com aquilo que o paciente tenha relatado, ao invés de voltar-se para as omissões;

b) Ocorre com muita frequência que um fragmento de um sonho seja omitido e acrescentado posteriormente como um adendo. Isto deve ser encarado como uma tentativa de esquecer aquele trecho. A experiência revela ser essa passagem, em particular, a mais importante; houve, suponhamos, uma resistência maior no processo usado para comunicá-la do que no tocante às outras partes do sonho. Não é raro acontecer que, no meio do trabalho de interpretação, uma parte omitida do sonho venha à luz, e é descrita como se tivesse sido esquecida até aquele

momento. A parte de um sonho, aquela que tenha sido esquecida e tirada do esquecimento dessa forma é, invariavelmente, a parte mais importante; ela sempre se acha no caminho mais curto para a solução do sonho e foi, por esse motivo, mais exposta a resistência do que qualquer outra parte. E é bem provável que esse fosse o único motivo para ser esquecida, isto é, por ter sido, uma vez mais, suprimida.

Quando um fragmento de sonho é recordado dessa maneira, as outras partes do sonho podem ser, temporariamente, desconsideradas, e a atenção focada nessa parte. Às vezes, o paciente recorda o fragmento reprimido no final da sessão de análise, quando não há mais tempo para debatê-lo, ou após a mesma já ter sido concluída. Existem, é claro, aqueles pacientes que, de modo característico, poupam material importante para o final da sessão de análise, momento quando não há mais tempo de examiná-lo;

É importante ter em mente a existência de uma continuidade entre o sonho relatado e todas as associações do paciente no decurso de uma dada sessão. O paciente pode relatar um sonho junto a diversos outros materiais e tudo estar relacionado de algum modo. O terapeuta deve ter em mente, ainda, que muitos sonhos que são evocados durante as análises são intraduzíveis, ainda que não deem mostras da grande resistência que existe.

Quando o paciente indagar sobre sua utilidade, podemos dizer-lhe que isso é inútil. A resistência da qual ele extraiu a preservação do texto do sonho, será então, deslocada para suas associações e tornarão o sonho manifesto inacessível para a interpretação. Em vista desses fatos, não nos surpreenderemos se outro aumento da resistência suprimir totalmente as associações e reduzir a nada a interpretação do sonho.

É bom lembrar ainda, que sonhos em demasia podem ser um modo de manifestação de resistência, impedindo assim, que seja dado tempo ao inconsciente para abrir com o que é realmente importante. É, para alguns sonhadores, um usual tipo de máscara. Outra coisa, é que devemos lembrar que estamos procurando analisar o paciente e não o sonho do paciente.

Ao lidar com sonhos, o terapeuta deve ter sempre em mente tudo o que se desenrola durante a sessão na qual se relata o sonho, o que sabe acerca do paciente por meio das sessões anteriores, e – principalmente – qual o material que foi abordado na sessão imediatamente anterior.

Deve-se, de um modo geral, acautelar-se contra a demonstração de um interesse muito especial na interpretação de sonhos, ou despertará no paciente a ideia de que o trabalho de análise não avançaria se ele não trouxesse à tona nenhum sonho; pois por outro lado existe um risco de que a resistência do paciente de solte para a produção dos sonhos, como já vimos, com uma consequente cessação dos mesmos, de outro modo, como já se tem podido observar. O paciente deve ser levado a acreditar que, pelo contrário, a análise, invariavelmente, encontra material para prosseguimento, não importando se ele traz à baila sonhos ou qual a dose de atenção que é dedicada a eles.

Os sonhos são importantes e, quando relatados pelo paciente e devidamente entendido, proporcionam um “excelente caminho para o inconsciente”. Entretanto, uma busca demasiadamente ansiosa das associações do paciente com os vários elementos do sonho, pode inibir as associações espontâneas do paciente e criar um clima de teste entre professor e aluno.

O analista deve entender logo de início, que nenhum sonho pode ser completamente analisado no decurso de qualquer sessão.

O analista deve acostumar-se, também, ao fato de que um sonho pode ainda, ter muitos significados.

Freud diz também, que a dose de interpretação que se pode obter numa sessão deve ser considerada suficiente e não vista como uma perda, se o conteúdo do sonho não for plenamente desvendado. As produções mais recentes devem ser observadas e não há razão para embaraços por negligenciar as mais antigas, mesmos sonhos não desvendados totalmente.

Freud assinala que, se não se assimila ou compreende todo o material de um sonho, ele reaparecerá em outros sonhos, no dia seguinte ou pouco depois,

quer nas associações do paciente ou em outros sonhos que tratem essencialmente do mesmo tema. Ele escreve: “Ocorre com frequência, portanto, que a melhor forma de completar a interpretação de um sonho seja deixá-lo de lado e dedicar a atenção a um novo sonho, que pode conter o mesmo material, possivelmente numa forma mais acessível.”

Em geral, a abordagem da exploração dos sonhos segue os princípios básicos da terapia. O terapeuta atua, de modo contínuo, por meio das várias camadas de material a partir da superfície. Ele passa do material menos reprimido para o mais reprimido ou para o material menos egossintônico.

Segundo Freud, “se os sonhos, como um todo, se tornam muito difusos e extensos, deve-se desde o início desistir, tacitamente, de decifrá-los”.

Tem sido demonstrado, por pesquisadores do sono e do sonho (Dement e Fisher) que todas as pessoas sonham regularmente durante o seu período de sono. Por isso dizemos que o “sonho é o guardião do sono”.

Pode haver uma relação entre os chamados bons sonhadores e as pessoas que tendem a ser mais imaginativas e criativas. Isso certamente parecia aplicar-se a Freud.

Alguns analistas, reconhecendo que a análise dos sonhos está relacionada com o problema geral da viabilidade da análise, têm dúvidas sobre o paciente que nunca sonha se pode ser analisado e encaram a ausência de sonhos como uma indicação de algum “defeito no funcionamento do aparelho psíquico”, o que chamamos de estrutural;

Nesse caso, quando o paciente “nunca” sonha, somos muitas vezes obrigados a reconhecer que sua incapacidade de lidar com a vida psíquica interior pode ser uma indicação de problemas caracterológicos profundamente arraigados, derivados talvez, de algum trauma pré-verbal. Por isso, a terapia aprofundada pode não se adequar para essas pessoas, pelos motivos que já conhecemos;

De modo geral, Freud nota que “todos os sonhos que acontecem em uma única noite, pertencem a um único contexto” e que o “conteúdo de todos os

sonhos que ocorrem durante a mesma noite formam parte do mesmo todo”, ou são “derivados do mesmo círculo de ideias” ou “não precisam ser mais do que tentativas, expressas em várias formas, para representar um significado”;

Freud assinala que “sonhos separados e sucessivos... podem ter o mesmo significado, e podem estar dando vazão aos mesmos impulsos em um material diferente. Sendo assim, o primeiro desses sonhos homólogos é muitas vezes, o mais distorcido e tímido, enquanto o seguinte será mais seguro e preciso”.

Freud faz uma distinção, mas “não radical”, entre sonhos de cima e sonhos de baixo:

- a) De cima – Correspondem a pensamentos ou intenções do dia anterior, que tramaram durante a noite obter reforço do material reprimido que é excluído do ego. Os sonhos de fuga, de falta a um encontro, ou a ida a um outro consultório ou a um outro analista, seguindo ao surgimento de material desagradável, pode indicar com clareza a ansiedade e a resistência do paciente em tratar do material;
- b) De baixo – São aqueles provocados pela força de um desejo inconsciente (reprimido) que encontrou um meio de ser representado em alguns resíduos do dia. Eles devem ser encarados como incursões do reprimido na vida desperta.

Ao se ocupar dos sonhos como uma parte integrante da psicoterapia, o terapeuta deve atentar para o que Freud denomina a pressão da resistência e determinar se ela é “alta ou baixa” – um ponto acerca da qual o analista nunca permanece em dúvida por muito tempo. Quando a “pressão da resistência” é alta, as associações dos sonhadores se expandem ao invés de se aprofundarem. “Quanto mais longa e sinuosa é a cadeia de associações, mais forte se torna a resistência”;

Falando de resistência, Freud assinalou cinco tipos presentes também nos sonhos. Diz ele: “O Ego é a fonte de três delas, diferentes cada uma em sua natureza. Essas três (incluem) resistência de repressão, resistência de transferência e a vantagem da doença. O quarto tipo, originando-se do Id, é a resistência que

necessita superar obstáculos. O quinto tipo, surgindo do Superego, parece originar-se do sentimento de culpa ou desejo de punição”;

A análise da resistência, geralmente, provoca uma melhora da aliança de trabalho, e é frequentemente, acompanhada por uma mudança na “pressão da resistência”.

Segundo Freud, os sonhos iniciais em uma análise podem ser denominados “simples”. Os tais podem ocorrer também, mais tarde, numa análise, podendo ser trabalhados e estar fundamentados em todo material patogênico do caso, até então ignorado, quer pelo psicanalista, quer pelo paciente (assim chamados “sonhos-roteiros” e “sonhos biográficos”) e equivalem, às vezes, a uma tradução, para a linguagem do sonho, do conteúdo inteiro da neurose. A plena interpretação de um sonho, assim, coincidirá com o acabamento de toda análise. Se for feita uma anotação do mesmo, no início, poderá ser possível entendê-lo no final, muitos meses depois.

Quanto mais o paciente tiver aprendido sobre a prática da interpretação de sonhos, mais obscuro se tornam seus sonhos posteriores. Todo o conhecimento adquirido acerca de sonhos serve também, para colocar em guarda o processo de construção do sonho;

Alguns analistas acham que os terapeutas deveriam desistir de qualquer interpretação de sonhos até que a aliança terapêutica esteja presente, e bem consolidada, em grande parte porque os sonhos iniciais são ingênuos, revelam muita coisa, ou são muito complexos;

Sejam quais forem os comentários ou as interpretações feitas pelo terapeuta, devem basear-se no verdadeiro nível de compreensão do paciente. Devem ser dirigidos ao Ego, repousando em uma linguagem simples e objetiva, e devem abordar, primeiramente, o material superficial;

O terapeuta pode optar por adiar o exame do material do sonho até que a terapia tenha progredido. Mas certas coisas, quando mencionadas pelo sonho,

devem ser expostas e debatidas no momento em que este é relatado;

Para os pacientes tímidos ou para os que não entendem plenamente, por motivo de transferência, deve ficar claro em sua terapia que eles têm todas as oportunidades de discutir todos os seus pensamentos, hesitações, ansiedades, dúvidas e sentimentos negativos.

Considerações específicas sobre os elementos do sonho:

Quanto a quaisquer elementos do sonho manifesto (conteúdo manifesto), o terapeuta deve decidir:

- Se ele deve ser entendido em um sentido positivo ou negativo;
- Se deve ser interpretado historicamente (como uma lembrança);
- Se deve ser interpretado simbolicamente;
- Se a sua interpretação dependerá do modo como é anunciado.

Trataremos cada um desses aspectos:

a) Positivo ou negativo:

Um elemento do sonho pode “representar seu oposto tão facilmente como assim mesmo”. Os “sonhos se sentem à vontade... para representar qualquer elemento pelo seu oposto de desejo; de modo que não há nenhum meio de se decidir à primeira vista se algum elemento que admita um oposto está presente nas ideias oníricas como positivo ou negativo”.

Freud registra que o oposto de “molhado” e “água” pode ser, facilmente “fogo” e “incêndio”;

O uso da reversão constitui uma conveniente defesa contra o reconhecimento de impulsos acerca dos quais o sonhador se sente culpado, ou de impulsos assustadores ou estranhos ao Ego do sonhador. Por exemplo: uma mulher sonhou que seu marido a deixara por outra. O sonho referia-se a seu próprio desejo e conflito quanto a trocar seu marido por outro homem;

Em certos casos, o material sexual pode encobrir impulsos agressivos

e o inverso também, pode ocorrer;

A linguagem do sono é essencialmente primitiva, ela costuma utilizar elementos semelhantes, cujo significado preciso somente pode ser entendido no contexto das associações.

O ponto de vista histórico:

“Cada sonho está ligado, em seu contexto manifesto, a experiências recentes e, em seu conteúdo latente, a experiências antigas”;

Já que o conteúdo manifesto de todo sonho contém, pelo menos, alusão ao dia do sonho (resíduo do dia), podemos abordar o sonho estudando esse material de superfície;

Desde o início de uma análise, o material pode revelar problemas que o paciente não tenha mencionado ainda e que não esteja preparado para lidar na ocasião;

É comum os pacientes sonharem invertido, projetando uma preocupação com possíveis críticas ao analista;

Quando, em um sonho, houver expressão de agressividade, ela pode estar associada a algum estágio do desenvolvimento libidinoso;

Quando o material está próximo da superfície, ou quando o paciente é sensível à sua própria dinâmica, a intenção do terapeuta não é necessária, já que o paciente pode fornecer as conexões por si mesmo e entender o que está relatando;

O fato de o paciente dizer ao analista que contou à sua mulher um sonho é, em si, uma associação com o sonho. Revela, essencialmente, que o sonho de algum modo versava sobre a esposa do paciente;

O comportamento do paciente no divã do analista, o que ele faz com as mãos etc., tudo isso são expressões motoras subjacentes às manifestações verbais e devem ser atentamente observadas;

O paciente pode protelar o pagamento de suas consultas, chegar alguns minutos atrasado para a sessão, cancelar ou “esquecer” uma entrevista, errar

a rua ou o número do edifício do analista etc. Esse procedimento, denominado “acting out”, deriva da dinâmica do paciente e expressa, de modo dramático, conflitos que são relatados em um sonho;

Às vezes, o acting out é uma tentativa de se defender de impulsos fortes, como é o caso de um paciente que levou várias garrafas de uísque escocês para o seu analista como presente de Natal. Então, narrou um sonho no qual estava envolvido em um duelo de sabre contra um adversário mascarado. Seu presente servira para afastar e apaziguar o analista (o adversário mascarado) que, em seu sonho, ele desejara golpear com um sabre;

Freud observou que a experiência real da dor não ocorre no sonho, a menos que uma sensação real de dor esteja presente. Isso ocorre com dor de dente, crises de vesícula biliar, cálculos renais, úlceras, dores do parto etc..

BIBLIOGRAFIA

FREUD, SIGMUND A Interpretação dos Sonhos, Edição C. 100 anos, Imago-RJ.1999

FREUD, SIGMUND Obras Psicológicas Completas versão 2.0

Volume VII - O quadro clínico, o primeiro sonho, o segundo sonho, posfácio.

Volume VI - Determinismo, crença no acaso e superstição – alguns pontos de vista. A dinâmica da transferência.

Volume XIV- A história do movimento psicanalítico. Volume XIV - Sobre o narcisismo: uma introdução.

SILVA, Dr. HEITOR ANTONIO DA Interpretação de Sonhos. Isbn.RJ.2000 LAPLANCHE E PONTALIS, Vocabulário da Psicanálise – Martins Fontes, SP-2000 NICOLA ABBAGNANO, Dicionário de Filosofia – Martins Fontes, SP-2000